

## **A arte dos escrevinhadores: ofícios cotidianos com o futebol**

The art of scribblers:  
everyday crafts with football

O tema da seção **Dossiê** desta edição da revista *FuLiA / UFMG* é **Crônica esportiva no Brasil: história e narrativa**. Dos gêneros literários – romance, conto, novela, poesia – a crônica é sem dúvida aquele que mais se entrosou com a prática e com o dia a dia do futebol. A liberdade de expressão e a abertura temática – a abrigar o ficcional e o realístico, o anedótico e o sublime, o coloquial e o pedante, o campo de jogo e o extracampo – souberam combinar-se às limitações de espaço concedidas tradicionalmente pelos jornais a esse subgênero cognominado de crônica esportiva.

A crônica esportiva, como se sabe, decalcou-se e emancipou-se da crônica, à medida que o futebol profissional e que as demais modalidades esportivas popularizaram-se e massifi-

caram-se no século XX. O decalque e a emancipação ocorreram também graças ao desenvolvimento dos próprios jornais, que se tornaram periódicos exclusivos de esportes, ampliando a cobertura e as divisões internas do jornalismo esportivo. A crônica esportiva assim fixou-se no interior dos jornais, ao lado das reportagens jornalísticas, dos editoriais, das charges, das fotografias e das cartas dos leitores, que compõem a maior parte dos periódicos voltados às práticas poliesportivas.

A presença longa e regular da crônica esportiva na imprensa brasileira, seja ela os periódicos gerais ou os jornais específicos de esportes, chamou a atenção da Academia, no momento em que o meio acadêmico se voltou ao estudo do futebol no Brasil, em fins dos anos 1970 e princípios dos anos 1980. Enquanto o interesse das Ciências Sociais pela história esportiva acionou os periódicos como fontes de informação, as áreas de Letras e de Comunicação se interessaram pelo futebol como “fenômeno linguístico”. Sendo assim, era incontornável passar pela crônica e por sua dimensão discursiva na narrativa e na apreensão do objeto.

Para ficarmos com dois exemplos pontuais, pode-se evocar aqui a primeira tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro com esse tema, publicada em livro no ano de 1981 e intitulada “Futebol e palavra”, de autoria de Ivan Cavalcanti Proença. A pesquisa tinha inicialmente mais de 700 páginas, foi apresentada como tese com 540 laudas e transformada afinal em livro com pouco mais de duzentas. De forma pioneira, o trabalho levanta a quase totalidade de cronistas, entre os bissextos, os regulares e os denominados esportivos, que se dedicaram a comentar por escrito as peripécias do futebol no Brasil. Em investigação desenvolvida na área de Poética da UFRJ, Cavalcanti Proença deu atenção aos literatos do início do século XX – Coelho Neto, Lima Barreto, Marques Rebelo –, mas dedicou-se especialmente a examinar o estilo de personalidades da crônica dos esportes, como os seus contemporâneos: João Saldanha, Sandro Moreyra, Armando Nogueira e Ruy Carlos Ostermann.

O segundo exemplo, colhido na área de Comunicação e Semiótica, foi realizado nos anos 1990 por José Carlos Marques, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

(PUC-SP). A sua dissertação de mestrado teve por mérito o exame aprofundado de um único cronista, talvez o maior deles, Nelson Rodrigues. À luz do referencial teórico do crítico cubano Severo Sarduy, Marques lê as crônicas futebolísticas do dramaturgo como constitutivas de um espaço “neo-barroco”, capaz de engendrar uma estética do espetáculo esportivo, por meio de hipérboles estilísticas, de performances e de sintaxes visuais que transbordam a linguagem para um campo de exercício lúdico e imagético.

Junto a esses dois exemplos da Letras e da Comunicação Social, é possível dizer que um ponto de maturação dos estudos sobre a crônica esportiva foi atingido com a análise dos escritos cronísticos de Mário Rodrigues Filho. Em torno de sua obra, reunida em uma série de livros fundamentais do memorialismo futebolístico no Rio de Janeiro, a exemplo do “germinal” *O negro no futebol brasileiro* (1947), confluíram uma série de pesquisadores, não só da teoria literária e comunicacional como sobretudo das áreas de História e Ciências Sociais. Sabemos quão profícuo foi o debate, mas igualmente até que ponto ele gerou desentendimentos e ruídos, alguns deles desnecessários, no ambiente acadêmico.

A maturação tornou-se, pois, ponto de saturação, sendo necessário deslocar o foco, distanciar-se temporariamente ou rever o legado desse cronista sob novos ângulos. Tal empreitada foi realizada com sucesso pela pesquisadora Fátima Antunes, em seu doutoramento na Universidade de São Paulo (USP), ao ver em conjunto as crônicas de Mário Filho, colocadas em perspectiva lado a lado com José Lins do Rego e Nelson Rodrigues. Além disto, a autora não deixou de surpreender em seus trabalhos posteriores, ao trazer estudos sobre as crônicas de Sérgio Porto, o irreverente Stanislaw Ponte Preta, sobre a “batalha do Bi”, após a conquista da Copa do Mundo do Chile, em 1962, pelo Brasil.

Foi com esse espírito de renovação e de revisão da importância da crônica nos estudos acadêmicos futebolísticos que o presente dossiê foi elaborado e aberto às contribuições. Ao abrir espaço para submissões de trabalhos interessados em explorar casos, colunas, escritores e periódicos nacionais voltados à história da crônica no Brasil, tivemos por motivação estimular o debate e agrupar pesquisas em torno das diversas formas de narração do fenômeno futebolístico no país.

Ao final desse período de seleção dos trabalhos submetidos, chegamos a cinco artigos aprovados por pareceristas, que seguiram os critérios internacionais de anonimato científico, conhecido por *peer review*.

O primeiro artigo denomina-se “A crônica esportiva como missão: José Lins do Rego, a construção do Maracanã e o significado da Copa do Mundo de 1950”, de autoria de Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Leandro Martan Bezerra Santos. Os autores revisitam o significado do Mundial de 1950 para o Brasil, à luz de uma série de 80 crônicas esportivas do referido escritor, publicadas no *Jornal dos Sports*, entre 1946 e 1950. O argumento procura demonstrar os pressupostos e as motivações que levaram o romancista paraibano a se engajar, por meio de sua coluna diária “Esporte e Vida”, na campanha em prol da Taça de 1950, mostrando-se entusiasta de seu legado ao país mesmo após a inesperada e “vexaminosa” derrota para o Uruguai.

Já o segundo artigo, assinado por Leonardo Turchi Pacheco e Bárbara Gonçalves Mendes, intitula-se “A escrita feminina e as

narrativas da Copa de 2010 através das crônicas “Tiro Livre”. O texto investe com originalidade na discussão acerca da existência de uma *escrita feminina*, capaz de ir além da lógica binária de gênero, ao refletir sobre a diversidade do termo “mulheres” e ao avaliar seu alijamento do mundo da escrita no universo futebolístico. Para tanto, os autores analisam o caso das crônicas “Tiro Livre”, dedicadas à Copa do Mundo da África do Sul, que circularam em um jornal de grande circulação no estado de Minas Gerais, ao longo do ano de 2009.

Em seguida, a pesquisadora Leda Maria da Costa apresenta seu cativante artigo, com o título de “As pegadas douradas do sensacionalismo no esporte: Mário Filho e a cobertura da Copa de 1930 por *Crítica*”. Nele, investigam-se as matérias do jornal *Crítica* acerca da participação da Seleção Brasileira na primeira edição do Mundial, em 1930, no Uruguai, e mostra-se como o periódico dava ênfase ao cunho sensacionalista, ao apelo gráfico-visual e aos aspectos emotivos do futebol. A estratégia consistia na aproximação da narração do futebol com a produção de notícias de crimes e de tragédias cotidianas, com vistas a promover o interesse pela Copa de 1930. Em tal cobertura, a

autora destaca os primeiros escritos cronísticos de Mário Filho, cuja projeção culmina na sua contratação para as páginas esportivas de *O Globo*, início da construção de seu protagonismo na história do jornalismo esportivo.

O quarto artigo intitula-se “O mundo do futebol e a crônica esportiva”, de autoria do professor-pesquisador Marcelino Rodrigues da Silva. O texto traz um aporte teórico muito enriquecedor ao Dossiê, porquanto se vale das teorias semióticas e dos estudos sobre a crônica como gênero lítero-jornalístico e a história do futebol no Brasil. O adensamento intelectual permite que o autor mobilize os fundamentos das teorias modernas da linguagem – Saussure, Jakobson, Barthes, Eco – de modo a tornar inteligíveis a semântica e a prosa do futebol, com especial apreço à forma narrativa da crônica futebolística, visto como complexo fenômeno cultural no país.

O quinto e último texto é de autoria de André Alexandre Guimarães Couto, com o título de “Os cronistas do *Jornal dos Sports* (1950-1958): subjetividade, clubismo e denunciamento”. Fruto de sua alentada e instigante tese de doutorado, Couto

faz uma apresentação geral das crônicas esportivas do *Jornal dos Sports (JS)*, com escopo na década de 1950, ao eleger por marcos temporais duas edições de Copas do Mundo. Na conjuntura histórica de meados do século XX, o “cronismo” esportivo se consolidou nas grandes cidades brasileiras e apresentou-se como um gênero híbrido, forjado no limite entre o jornalismo e a literatura. A predominância da subjetividade nos narradores daquele periódico tornava-se uma diretriz preconizada para muitos daqueles cronistas que, via de regra, enfatizaram dois fenômenos: o clubismo e o denunciamento. Se atuavam de forma heterogênea quanto a seus estilos narrativos, integravam uma equipe coesa e prestigiosa nas páginas deste jornal da capital da República, ainda então o Rio de Janeiro.

Em acréscimo aos cinco capítulos que enfeixam o Dossiê, o presente número é acompanhado de mais três seções. A **Paralelas** é composta de dois artigos, o primeiro dos quais vem assinado por Bruno Castro e Rafael Valladão com o título de: “A dimensão bélica e um possível diálogo com o totalitarismo nazista de alguns hinos oficiais do futebol carioca”.

Neste texto, os autores perscrutam a tradição hínica clubística do período da Primeira República brasileira (1889-1930), com destaque para duas características das composições: a influência do pensamento higienista e a utilização do futebol como substituto da atividade bélica. O tom marcial dos hinos oficiais dos clubes do Rio de Janeiro é visto como antípoda da descontração das marchinhas carnavalescas, utilizadas por Lamartine Babo na consagração musical das agremiações desportivas dos anos 1940, acentuando elementos beligerantes e racistas nas letras examinadas.

O segundo texto denomina-se “O esporte como ferramenta política e diplomática: o caso do boicote americano às Olimpíadas de Moscou (1980)”, de autoria de Murilo Meihy e Luana Souza. Nele, busca-se entender o uso do esporte como ferramenta diplomática e política por países, governos e seus comitês olímpicos, procurando entender o movimento de boicote aos jogos dentro do contexto conflitivo da Guerra Fria, polarizada pela disputa ideológica entre comunismo e capitalismo. Remonta-se às origens do esporte moderno e à retomada dos Jogos Olímpicos para, em seguida, analisar edições

emblemáticas das Olimpíadas, a exemplo de Berlim, em 1936, e de Moscou, em 1980.

A seção **Resenha** recebe como contribuição o exame de um livro dedicado à figura de um dos mais eminentes treinadores da atualidade: “O caso biográfico de *Guardiola: confidencial* (2015): a impossibilidade de dizer tudo”, de Gabriel Canuto Nogueira da Gama, baseia-se, por sua vez, na obra *Guardiola: confidencial*, de Martí Perarnau.

Já a última seção, **Poética**, é consagrada às múltiplas possibilidades das abordagens artísticas do futebol e do mundo dos esportes. Neste número, encontram-se a série de fotografias *Camisa 10*, do artista/ativista mineiro Ed Marte e, por fim, a crônica “Mistérios do futebol”, do romancista paranaense Cristóvão Tezza.

Convida-se, pois, o leitor à fruição das diversas seções dessa nova edição de *FuLiA*, com a esperança de que seu Dossiê, dedicado à história e à narrativa da crônica esportiva no Brasil, suscite novas questões acerca de um gênero plástico e polimórfico, capaz de atrair escritores do porte de Carlos

Drummond de Andrade, de Paulo Mendes Campos e de Luís Fernando Veríssimo, entre tantos outros, ao longo dos séculos XX e XXI.

São Paulo, 12 de maio de 2018.

**Bernardo Buarque de Hollanda**  
Prof. da Fundação Getúlio Vargas